

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



4

Entrevista com

WILLIAM URICCHIO

Entrevista: Eduardo Harry Luersen¹ e Luciana Haussen²
Tradução: Eduardo Harry Luersen

Entrevista: Ana Cecília Nunes³
Tradução: Ana Cecília Nunes



William Uricchio é professor e diretor do Programa de Mídias Comparadas do Massachusetts Institute of Technology (MIT) e professor de História das Mídias Comparadas da Universidade de Utrecht. O pesquisador, referência em estudos sobre mídia e cultura, participou como conferencista no XI Seminário Internacional da Comunicação da PUCRS, quando concedeu uma entrevista exclusiva a Sessões do Imaginário.

Sessões do Imaginário: As mídias leves (Harold Innis, 1951, *The Bias of Communication*), capazes de se disseminar em larga escala a partir do desenvolvimento das tecnologias digitais, são capazes de levar o homem a uma nova forma de obter conhecimento e experienciar o mundo?

William Uricchio: Eu penso que Innis fez uma observação muito pertinente: formas diferentes de mídia possuem diferentes especificidades. Alguns formatos de suporte mais duráveis, como pedra, por exemplo, resistem por muito tempo, não mudam, porém, também não são fáceis de transportar. Outros formatos, como o papiro, por exemplo, mudam o tempo todo, nós podemos disseminá-lo muito rapidamente, no entanto, ele não é muito eficiente para prender as idéias de uma maneira permanente. O papiro deteriora-se rapidamente, e também se pode modificar o que se está escrito.

Então, ao pensarmos na mídia eletrônica, vemos que entramos em um modo hiper-veloz, e acho que um dos pontos a notar é que as idéias podem se espalhar com muita rapidez, e também mudar

O evento abordava os cem anos de Marshall McLuhan, assim, aproveitamos a ocasião para abordar algumas questões sobre as idéias deste teórico dos meios de comunicação, além de outros temas que são referenciados nos estudos do professor Uricchio.

**Entrevista: Eduardo Harry Luersen
e Luciana Haussen**

Tradução: Eduardo Harry Luersen

muito rapidamente. E é muito difícil de estabilizar este conhecimento, de fixá-lo. Nós podemos, é claro, pesquisar em nossos arquivos de material digital, mas mesmo o arquivamento, nesta esfera, não é algo tão rígido. Eu penso que esta é uma coisa com a qual nossa sociedade ainda precisa aprender a lidar. Nós podemos disseminar tudo muito rápido, mas ainda não sabemos controlar muito bem este fluxo.

Podemos perceber isso de muitas formas, seja no domínio da propriedade intelectual, no domínio dos fatos, ou na distorção da realidade, como na propaganda, no sentido negativo. Então, sim, penso que Innis realmente estava certo, e que suas observações são bem relevantes para os dias atuais.

SI: Estaríamos gradualmente abandonando o aprendizado pela palavra escrita para começar a apreender o conhecimento a partir de conteúdo hipermidiático, de imagens técnicas, do espaço acústico, e demais possibilidades, como poderia se especular a partir das idéias de McLuhan?

WU: Sim e não. Se olharmos profundamente para a história do ocidente, o que eu vejo é uma história que, na realidade, sempre esteve vinculada à palavra, ao som e à imagem. Um dos melhores exemplos é a igreja católica. Se você observar como a igreja católica organizou seu espaço arquitetônico, de maneira a lembrar o formato da cruz, com os vitrais, que ajudavam a contar a história de Jesus, as cruces, que mostravam o sofrimento, a música, para elevar a emoção, e as palavras do evangelho, o que você verá é uma mescla intermediária muito rica, através da qual você poderia se sentir mobilizado, ressentido ou inspirado.

Logo, eu penso que a diferença, hoje, é que temos um maior controle sobre as ferramentas. No passado, o artista devia pintar os vitrais, o músico compor a música, mas agora, penso que o cidadão comum pode fazer música, por exemplo, e pode com mais facilidade manipular o som, criar imagens e, claro, transmitir a palavra. O que está mudando, penso, é que a maioria de nós tinha como meio de expressão praticamente apenas as palavras. Claro, era possível fotografar, porém, não era tão fácil compartilhar este conteúdo. Você poderia gravar sons, porém, somente sua mãe e seu vizinho ficariam sabendo. Mas agora, podemos não apenas gravar o som mais facilmente (pelas ferramentas digitais), mas também distribuí-lo desta forma. Podemos sintetizar, cortar e colar imagens de maneira mais fácil, e também propagá-las assim. O que está acontecendo é que as especificidades de som, palavra e imagem estão se voltando a nós de um jeito que podemos controlá-las. Acho que nossa linguagem, no sentido amplo, está ficando mais refinada, e estamos ganhando maior controle sobre ela. Vejo isto como algo positivo.

SI: Heloísa Buarque de Hollanda, professora de teoria crítica da cultura da UFRJ, ao falar sobre os impactos da internet na cultura, destacou que as pessoas estão perdendo o medo de escrever publicamente. Ambos os fenômenos, aqueles abordados pela questão anterior, e este, apontam para perspectivas distintas ou andam juntos no caminho de uma nova época da comunicação humana?

WU: Penso que, de fato, estes fenômenos apontam para uma nova era da comunicação humana, com a habilidade para utilizar a internet, e a possibilidade de se usar a palavra mais livremente. Um dos aspectos-chave aqui é a questão da cultura. Escrever é uma habilidade, o letramento é uma habilidade, porém, como e o que escrevemos é sempre uma questão de cultura. Por exemplo, eu percebi, observando alunos franceses e americanos, que os americanos gostam muito de usar a palavra “I”, enquanto que os franceses pouco usam o termo “Je”. Estes preferem utilizar “alguém”, ou “de acordo com a fonte”, eles diferem-se do sujeito. Então, culturalmente há uma diferença na forma como escrevem.

Uma das coisas que vemos, com a internet, é que a cultura, nesta, está apenas se formando. A cultura daquilo que é apropriado se falar, ou do que não o é, uma cultura que diz respeito a como fazer uso das palavras. Em algumas universidades nos Estados Unidos, os professores são muito críticos quanto a uso da Wikipedia. Eles dizem: “Não utilize a Wikipedia, use uma enciclopédia de verdade, da biblioteca”. Mas por quê? Os alunos foram educados para encontrar uma boa fonte, de uma autoridade, lê-la e acreditar nela. E se ela estiver errada, então a criticar. Já na Wikipedia é difícil de acreditar, pois ela deriva de muitas vozes, e é modificável. Para mim, isso se refere a aprender uma nova cultura, uma nova

abordagem, onde haja instrução para que os alunos sejam mais críticos sobre o que lêem, seja o que for, texto de uma autoridade ou da Wikipedia. A função da educação é ensinar a ser crítico, a comparar fontes, a entender porque algo é escrito e qual é o seu ponto de vista.

Eu diria que este é o um bom exemplo do nosso problema cultural, nós ainda não ensinamos nossa comunidade, nossos estudantes a serem pensadores, de fato, críticos. Nossa tradição, até aqui, tem sido de ensinar a aceitar e acreditar, e temos que alterar isso, em direção a um viés mais crítico e cético. É algo curioso, eu estive em Singapura recentemente, onde houve eleições presidenciais. Culturalmente, eles são muito cuidadosos com relação às mídias sociais. Pela primeira vez, eles abriram as mídias sociais para assuntos eleitorais. Porém, a população não tinha propriamente uma cultura sobre como usar a internet neste caso, as pessoas não sabiam o que era e o que não era apropriado para isto. Houve algumas manifestações muito agressivas e, eu diria até, inapropriadas, afinal eles ainda não conseguiram descobrir uma maneira de usar a internet efetivamente. Nós possuímos centenas de anos de prática da palavra escrita, porém, impressa. Temos muito pouca experiência com a velocidade da interatividade através da internet. Penso que surge, de certo modo, uma nova era, porém ainda não desenvolvemos os protocolos, o comportamento e a civilidade de saber como proceder de maneira correta diante disso.

Ou, posto de outra forma, às vezes as pessoas dizem coisas horríveis quando estão online e, se você levar isso a sério, pode se sentir ofendido. Bem, não deveríamos então talvez tentar nos educar a não levar isto tão a sério, afinal, mais do que uma ofensa a mim, isto reflete alguma coisa sobre o emissor? É este o ponto onde quero chegar, precisamos entender isso como

uma prática cultural mais profunda, pois, neste momento, estamos em nossa infância, tentando compreender como funcionam todos esses novos sistemas.

SI: O que você pensa sobre um assunto que vem sendo questionado com insistência recentemente: com os ambientes virtuais cada vez mais personalizáveis, qual deve ser o papel da comunicação de massa no futuro?

WU: Eu não creio que, de fato, a comunicação massiva vá desaparecer, mas sim que a fonte da massa provavelmente irá mudar. Atualmente, a maioria dos sistemas que temos é nacional, ou pelo menos geolocalizados, ou seja, as transmissões de rádio e TV alcançam uma área geográfica particular. Com tecnologia a cabo e via satélite estas áreas aumentaram, porém, nosso legado do século XX tendia à separação em grupos de acordo com línguas, culturas ou nacionalidades.

Se observarmos, há alguns padrões de uso, e a formação de comunidades de interesse. Por exemplo, comunidades com interesse não só em compartilhar música, mas determinados tipos específicos de música. Ou então, como alguns de meus alunos nos EUA, que formam grupos de fãs de novelas de Taiwan e da Coreia do Sul. E então você pensa: como isso é possível? Bem, está tudo online, é legendado pelos próprios fãs rapidamente, um dia após ter ido ao ar. Esta é uma comunidade internacional de pessoas que compartilham um gosto bem particular e, na verdade, quando você começa a perceber, há pessoas espalhadas por todas as partes, formando uma comunidade bem grande. Bem, seria isso um meio de massa? Ora, não é tão massivo quanto as emissoras de TV aberta ou os jornais, mas também não tão fragmentado quanto um sistema individual, pessoa a pessoa.

Estas comunidades têm líderes, seguidores, formadores de opinião e então, ao invés de altíssimos ou baixíssimos níveis de audiência, há diversos grupos de tamanho médio que começam a se manifestar.

Estes podem ser fãs de carros, por exemplo. Eu sou membro de uma comunidade sobre Porsches e, acredite, existe uma fervorosa comunidade de donos de Porsches, onde se fala sobre tudo, desde as últimas notícias até política, e a grande característica destes agrupamentos é que eles são transnacionais, há membros alemães, britânicos, canadenses, etc. Quando eu observo o tempo que as pessoas passam online nestas comunidades, eu tenho a idéia de que estes são grupos bem robustos. Há comunidades de música, de TV, como mencionei, de ídolos japoneses como Miku e este tipo de personagens sintéticos, e centenas de outras, cada uma com sua própria especificidade. Como eu disse, este é o espaço em que não cabe exatamente a definição de meio de massa, e certamente também não a de meio fragmentado, individual, há um novo conjunto de formas culturais aparecendo.

SI: De certa forma, estas comunidades têm relação com o tópico da identidade cultural, e colaboram para esfiapar aquela idéia que se têm, por vezes, de uma identidade rígida, apontando para as relações humanas a partir de um aspecto mais fluido, você não acha?

WU: Sim, e é interessante se você pensar em como alguns dos mais conhecidos filósofos encararam a questão da identidade. Derrida, por exemplo, com a noção de rizoma. É interessante pensar em como estes filósofos nos apresentaram uma linguagem para começar a falar sobre uma nova estrutura de identidade. Talvez sempre tenha sido assim, mas nós

podemos ver isso mais facilmente hoje. Penso que houve uma época, provavelmente um tanto romantizada, um pouco antes da Segunda Guerra Mundial, na qual “todos pertenciam a um partido político, a uma religião, uma etnia: a vida era simples”! Eu não penso que isso seja verdade, mas este é o mito! E, desde aquele período, com a crescente influência da mídia e dos anúncios publicitários que nos mostravam das mais distintas maneiras, com o entretenimento, começamos a perceber que, na realidade, temos várias personalidades diferentes. Há o termo “subjetividade entrelaçada⁴”, que aponta para a existência de todo um grupo de subjetividades. Ou seja, quando você está na casa de seus pais, você é de um jeito, quando está com sua namorada, é de outro. Quando você está em aula, ou procurando um emprego, você se veste diferente, age diferente. Você é a mesma pessoa, porém, partes diferentes de sua personalidade são acionadas.

Uma das coisas que podemos ver através destes mundos online, é que eles acomodam estas outras identidades. Digamos que haja uma de suas identidades que só se revele na sexta-feira, em uma festa. Mas agora você pode se conectar, e ela pode aparecer a qualquer momento, quando você entrar em uma determinada comunidade. Então, penso que isso se trata mais sobre aprendermos a nos ver menos com uma identidade monolítica, estática, e mais como portadores de diversas identidades, sejam elas relativas a gênero, religião, política ou situação social. Nós estamos constantemente mudando, enquanto ainda somos as mesmas coisas.

O que estes ambientes digitais nos dão, é uma oportunidade para intensificar isto, e mergulharmos em coisas que talvez nunca experimentássemos em um ambiente físico. Eu tenho um sobrinho de onze anos que é muito bom em matemática, e com quem ele poderia

falar sobre isso? Ele fala: “Me digam quatro números quaisquer, eu vou lhes dizer a raiz quadrada agora”, e ele acerta. Mas o que ele pode fazer quanto a isso? Nenhum de seus colegas gosta disso, ele acaba sendo excluído. Mas online ele encontrou uma comunidade sobre matemática que deixou emergir uma parte de sua personalidade que, de outra maneira, seria inibida.

Para mim este é o lado positivo. Porém, sabemos que também há um negativo. Pessoas mal-intencionadas também podem encontrar suas comunidades. Claro, não se trata, na realidade, tanto sobre “bem” ou “mal”, mas sim sobre uma nova série de possibilidades.

SI: O senhor considera que a cultura participativa é capaz de ameaçar, em algum ponto, o poder e a hegemonia das organizações transnacionais já estabelecidas, responsáveis pela maior parte da produção e distribuição massiva de “bens culturais” no século passado?

WU: Sim, vamos colocar da seguinte forma: se olharmos para a história do ocidente, o que se vê desde o início da história gravada até o final do século XIX é uma cultura muito participativa. Temos grandes instituições culturais, como a igreja, por exemplo, e grandiosas obras de arte que são produzidas com o patrocínio de mecenas (há um sistema de mecenato para que as pessoas mais ricas possam ter seus retratos, ou a igreja sua arte), e ainda assim, há uma grande quantidade de trabalhos artísticos que chamamos hoje de “arte folclórica⁵”, ou “popular”, de maneira um tanto vilipendiosa. E se observarmos estas práticas no século XVII, XVIII, ou mesmo no século XX, se vê que as pessoas fazem roupas, projetos, artefatos de madeira ou de metal, e há nesta atividade uma cultura participativa muito rica.

Isto ocorre até o final do século XIX, quando, com a prensa giratória, a palavra escrita passa a ser, de fato, massivamente produzida. A prensa, é claro, já existia há algum tempo, porém, com a prensa giratória a impressão se torna muito mais veloz e barata. Há também a emergência da indústria cinematográfica, e logo vem também a indústria da radiodifusão. O século XX é a época da indústria pesada da cultura. Ela se torna cultura industrializada, centralizada, cultura enquanto forma de negócios. Contudo, eu entendo que debaixo dessa estrutura toda existiam ainda muitas criações participativas. Eram de menor expressão, ninguém falava delas, pareciam antiquadas, porém, elas continuaram existindo.

Agora que estamos no começo do século XXI, há uma série de novas ferramentas que nos permitem participar novamente. Sei que as pessoas sempre puderam fazer gravações caseiras, tirar fotos, mas este material ficava em casa. Agora podem disponibilizar estes conteúdos online, podem compartilhá-los com as outras pessoas. Então, no começo do século XXI estas práticas participativas, que sempre fizeram parte da condição humana, finalmente podem sair debaixo da grande e pesada pressão destas indústrias centralizadas.

Se isto é uma ameaça para as grandes companhias transnacionais? É claro que é. Mas isto é uma coisa má? Em minha opinião, parece algo benévolo.

SI: E quanto ao dinheiro repassado pelas indústrias aos artistas?

WU: A reação da indústria geralmente é: “Mas e quanto aos artistas? Eles não ganharão dinheiro, irão passar fome”! Mas e quanto aos artistas nos séculos XVIII e XIX, nossos grandes autores? A maioria deles morreu sem um centavo. Não

estou dizendo que isso é algo bom, na verdade é algo horrível e triste. Mas pelo menos serve para nos mostrar que a arte surge porque as pessoas são apaixonadas, e não porque elas precisam se tornar celebridades ou ficar milionárias. É claro que todos precisam de dinheiro para viver, e devia haver apoio ao artista, do Estado, ou dos mecenas. O crowdsourcing, gente que envia dinheiro para incentivar algum trabalho, poderia ser o caso.

Mas a arte deve partir, assim como a cultura, da paixão, e não pelo desejo por fama ou dinheiro, isso soa um tanto errado para mim. O que eu tenho visto das pessoas que trabalham online, são pessoas que trabalham ao longo de todo o dia e, quando voltam para casa à noite, escrevem fan fiction, e o fazem porque amam e se importam com isto, não porque será lucrativo. E isto não é algo ruim.

SI: Através de uma reestruturação dos modelos de negócios, que lugar estas companhias transnacionais, oriundas do século XX, devem ocupar na produção e distribuição desses conteúdos simbólicos no futuro?

WU: Talvez possamos responder a esta pergunta a partir de um exemplo da indústria cinematográfica. Quando esta indústria surgiu, nos Estados Unidos, apareceram diversas pequenas companhias, que compraram suas câmeras e começaram a produzir seu próprio material. De maneira relativamente rápida, empresas como a de Edison passaram a utilizar a propriedade intelectual para controlar o mercado. Então eles passaram a chamar as autoridades e tentaram fechar basicamente todo mundo que não trabalhasse para eles. E isto funcionou por algum tempo, mesmo depois de Edison abandonar os negócios e surgirem companhias como a Paramount e a Warner.

Houve um período de 50 ou 60 anos em que as corporações tiveram o poder de dominar todo o processo. Elas produziam, distribuía e exibiam os filmes, para que pudessem proteger seu monopólio.

Lá pelos anos 50, porém, as coisas começaram a mudar. Em decorrência da competição internacional, mudanças demográficas, o baby boom depois da guerra, e da televisão, o processo gradualmente passou a ficar mais fragmentado. Ainda parecia que era a Warner Brothers quem fazia os filmes, mas não era. Apareceram empresas independentes que duravam, às vezes, apenas o período de uma única produção, e depois desapareceram. Como a Warner fazia a distribuição, aparecia seu logo em destaque, porém, os negócios tornaram-se muito mais efêmeros. Isto serve para o século XX.

É curioso, há três dias encontrei-me com um diretor finlandês no MIT, que está trabalhando em um filme chamado Iron Sky. Este é um filme crowdsourced. O diretor conseguiu com que muitas pessoas lhe mandassem um pouco de dinheiro, e estes fundos serão utilizados para produzir o futuro filme. O longa-metragem parte de uma idéia bizarra: os nazistas, ao final da Segunda Guerra, criaram foguetes e conseguiram escapar da Terra, chegando até a lua. E os nazistas têm vivido no lado escuro da lua pelos últimos 60 anos, desenvolvendo sua civilização, e criando espaço-naves para voltar à Terra. É fantástico!

O que este diretor faz, e é tão fascinante, é que ele não pede apenas dinheiro às pessoas, ele pede também idéias: “Se você fosse um nazista no lado escuro da lua, o que você comeria? Como iria viver”? – Ele pergunta, no site do filme. E as pessoas vão lá e opinam: “Bem, eu acho que comeria algas”. Então a comunidade

debate isso, o que fariam nesta situação, e então os membros acabam envolvidos no mundo narrativo, pensando junto com o diretor, e ficam felizes em colaborar com dinheiro. Depositam um cheque em um mês, ou no seguinte, e ele vai juntando estas idéias. Este seria um bom exemplo de um tipo de modelo futuro, um crowdsourced, colaborativo.

Acho que poderíamos enxergar a partir do YouTube ainda outro modelo. Um onde cada um faz a sua pequena produção e a envia. O tempo de visualização do YouTube tem aumentado, o que mostra que as pessoas gostam disso. Não é pior do que transmissão televisiva, às vezes é até melhor. Podemos ver também na cena musical muitas produções caseiras que são distribuídas online e encontram uma série de seguidores. Creio que as indústrias culturais grandes e pesadas estão enfraquecendo, porém estamos descobrindo diversos modelos bem interessantes e penso que, os dois novos extremos seriam o crowdsourcing, onde as pessoas juntam seu dinheiro e suas idéias num grande projeto futuro, e o modelo para a cultura mais atomizada e fragmentada, no qual as pessoas podem escrever seu próprio livro, criar sua música, fazer seus curtas. Creio que isso depende da escala da operação, há bastante espaço para novos modelos neste momento, e não necessariamente dependemos dos velhos e grandes modelos industriais do século XX.

Entrevista: Ana Cecília B. Nunes

Tradução: Ana Cecília B. Nunes

SI: O Imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem,

num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

WU: Na realidade, eu penso que isso é uma parte crucial da pesquisa em comunicação, em mídia. Eu sou um historiador e notei que muitos outros historiadores focam suas pesquisas em documentos que têm uma relação muito específica com a indústria ou com tecnologia. O que a minha pesquisa foca, realmente, é mais em tópicos como ficção científica, cartoons, e rumores, que podem não ser verdadeiros, porque esses realmente estabelecem a base para a imaginação que ajuda um meio a tomar forma. Por exemplo, eu estou terminando de escrever um livro sobre a televisão no século XIX. De acordo com a minha pesquisa, há um grande desenvolvimento do imaginário da televisão nesta época. Um escritor francês Albert Robida escreveu um belo livro, *Le Vingtième Siècle*⁶, no qual ele imagina um objeto chamado telephonoscope⁷. O que se pode compreender no livro é que assim que o telefone foi inventado, literalmente dentro de um ano, as pessoas já tinham a ideia de não apenas ouvir através dos fios, mas ver através deles, diretamente em outros lugares. E, então, essa fantasia nasce, essa imaginação nasce e efetivamente molda nossa tecnologia e nossas invenções, como o disco de Nipkow, em 1884, que é a tecnologia por trás da televisão. O filme vem um pouco depois, em torno de 1895, e estes dez anos são chamados *actualité*, o tempo que demora um filme, uma mídia pra se tornar ao vivo. Ela não é ao vivo, ela é gravada, mas ela tenta ser ao vivo. Então, em certo momento, se desiste e, por volta de dez anos depois, em 1905 ou 1906, os críticos da época passam a falar em “drama engarrafado⁸”. Ela nem tenta mais ser ao vivo. Assim, para mim, este é um bom exemplo de como a imaginação molda o que as pessoas esperam de um meio. Eu fiz várias pesquisas no MIT que

realmente olham para diferentes “imaginações culturais”, sobre como pessoas em diferentes culturas provavelmente imaginariam isso, como isso molda o que eles fazem com este meio.

É fantástico que hoje nós tenhamos o Skype. Esta é a primeira e também a mais persistente ideia em torno da televisão: que nós conectaríamos pessoas ponto a ponto em uma relação de diálogo. Demorou mais do que centenas de anos para que isto acontecesse. Mas esta ideia sempre esteve lá. Por que isso aconteceu? Foi a tecnologia ou foi alguma outra coisa? As pessoas queriam isso? O que as pessoas gostam no telefone é que se tem informação limitada. Assim, há vários cartoons sobre alguém que não quer ir trabalhar e está ligando para o chefe do seu “telefone-televisão” e o personagem está com uma máscara. Ou um homem em um bar e sua mulher telefonando para o seu aparelho, através do qual ela pode ver que ele está mentindo. Há vários cartoons, já há centenas de anos, que nos falam que nós queremos sim “telefones televisivos”, mas talvez isto seja informação demasiada, talvez nós não queiramos.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos. Como fazer coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

WU: Podemos colocar mensagens em lugares e todos nós podemos também nos expressar de formas diferentes, mas também presenciamos novas formas de agregar essas informações. Com tecnologias como o Foursquare e o Gowalla, eu posso encontrar as pessoas que já compartilharam meu mural de mensagens, eu posso ver quem são os meus amigos. Há muito mais fragmentação, com certeza, mas nós temos

agora tecnologias que podem também reunir tudo isso. Mas o importante é que isso traz grandes questões. Isso significa que a comunidade da qual eu possivelmente me sinta mais próximo, não seja aquela que necessariamente está fisicamente próxima a mim. Ela talvez esteja dispersa. Eu sou certo fã de um ídolo japonês chamado Miku⁹. Miku é um sintetizador de voz que uma empresa adicionou a um conjunto visual e deixou as pessoas experimentarem. Eles fizeram shows ao vivo quando estiveram em Los Angeles, este ano¹⁰, com uma projeção animada em 3D de uma estrela de rock, combinando uma estrela projetada com uma audiência e uma banda ao vivo. Completamente sintetizado, e os fãs fazem o resto do trabalho. Mas este caso não foi muito compartilhado pelas pessoas. No entanto, por causa de nossas vidas online, eu posso descobrir cada indivíduo no mundo que compartilhou este caso e, assim, nós nos sentimos como uma comunidade. Mas o interessante é que nós vivemos atualmente em múltiplos domínios. Vivemos em um mundo físico, que normalmente tem um governo, leis e é um país delimitado. Assim, por exemplo, não se deveria roubar, não se deveria baixar conteúdo protegido por direito. Mas na minha outra vida, eu pertencço a uma comunidade de compartilhamento de arquivos de música, onde eu devo deixar meus arquivos de músicas disponíveis para outros, se eu quiser ser um bom cidadão naquele mundo. Estamos encontrando cada vez mais contradições entre esses mundos diferentes em que vivemos. Um mundo tem um conjunto de regras, e o outro tem um conjunto diferente de expectativas. Às vezes, esses mundos culturais são muito dispersos, mas eles não parecem dispersos, porque nós conseguimos colocá-los juntos, reuni-los. Então, a premissa desta questão é: muito mais fragmentação, mais mensagens,

mais comunidades, mais tecnologias, mas estas mesmas tecnologias podem agregar e reunir essas comunidades dispersas. Mas acho que nós estamos vendo, algumas vezes, certa tensão neste ponto.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

WU: Eu não acho que a tecnologia faça coisa alguma, o que eu acho é que nós a utilizamos. E se nós queremos utilizá-la, se a sociabilidade é importante para nós, nós vamos capturar a importância dessa tecnologia e utilizá-la para coisas sociais. Sabe, uma coisa que eu tenho estudado muito é que a tecnologia é feita de pessoas, e elas podem fazer muitas coisas diferentes. O rádio, por exemplo, quando começou, foi útil para a comunicação de pessoa para pessoa (uma comunicação interpessoal), um rádio de duas vias ou um rádio policial, este tipo de rádio. Levou cerca de dez anos de mudanças para ele começar a se tornar algo que nós escutamos. Nós não falamos com o rádio, mas nós ouvimos a algo que uma central veicula, transmite. Esta é uma alteração muito interessante e eu não sei se este é o tipo de mudança que as pessoas queriam, mas elas aceitaram. Esta é uma mudança, claro, que o mercado contribuiu para fazer acontecer.

Eu acho que, em geral, a sociabilidade de uma dada cultura vai aparecer na forma como ela usa a mídia. Quando nós olhamos para como diferentes culturas usam a mesma tecnologia, por exemplo, como os telefones são utilizados em países africanos e em alguns países da Ásia, em comparação com o Ocidente, o que se revela é como diferentes ideias de sociabilidade usam a tecnologia e prolongam

esta ideia de sociabilidade. A cultura conduz o uso da tecnologia. Algumas culturas são mais separadas e hierárquicas, enquanto outras são muito uniformes. O que se vê é que elas usam a tecnologia de formas diferentes. Mas o que é delicado, nos dias de hoje, o que é interessante, é que a população é móvel. Então, aqui no Brasil, assim como nos Estados Unidos, existe uma porção de pessoas de várias partes do mundo, e elas trouxeram suas próprias culturas, e a expandiram. O que você vê é um monte de mobilidade. Isto significa um misto de mensagens e um misto de culturas.

SI: A evolução tecnológica propiciou que tenhamos, hoje, meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores). Seriam, estes meios, ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa? Na sua visão, em que medida são eles “extensões do homem”?

WU: Eu penso que a ideia dos media como extensões do homem é uma metáfora. Então, certamente, se nós pensarmos sobre o tipo de media que Marshall McLuhan abordou, quando enfocava o cinema e a televisão como extensões dos olhos, esta é uma boa metáfora. Acredito que o que temos visto com as novas tecnologias mais portáteis e mais interativas, é que esta metáfora está se tornando mais literal, se tornando menos metáfora e mais o que acontece realmente na prática. Nós temos mais controle. Se pensarmos no século XX, este é realmente o período da industrialização dos meios de comunicação, em que eles saem das mãos individuais e entram na era das máquinas pesadas de mídia, a grande imprensa e toda a transmissão centralizada assistida. A única grande exceção é a escrita

(nós podemos escrever cartas) e telefones (nós podemos falar de pessoa para pessoa). E o que nós estamos vendo agora é uma significativa mudança frente a isso: ainda há as companhias, mas elas são bem raras neste momento. Na indústria da música, nós podemos ver a erosão deste século. A indústria cinematográfica está começando a ter danos. O Youtube está competindo mais e mais com a televisão. Penso que nós definitivamente estamos caminhando para uma direção em que os indivíduos terão mais controle sob suas habilidades para estender ou encurtar seus prolongamentos. Esta habilidade foi metafórica no passado e hoje é mais literal.

Notas

1- Mestrando do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: edluersen@gmail.com

2- Doutoranda do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: dudahaussen@gmail.com

3- Mestranda do Curso de Comunicação Social - PUCRS. Email: anacecilianunes@hotmail.com

4- Miku é um aplicativo do tipo sintetizador, desenvolvido no Japão, capaz de cantar, e que assume a personagem virtual de uma jovem adolescente.

5- Tradução livre de "Bundled subjectivity".

6- Tradução livre do entrevistador, do original folk art.

7- O século XX, em francês.

8- Em português, telefonoscópio (tradução livre).

9- Canned drama: expressão inglesa para filmagem que tenta reter a emoção do 'ao vivo'.

10- Hatsune Miku.

11- 2011.